

PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO SUPERIOR: QUESTÕES E ALTERNATIVAS

Sônia Maria Moro do Nascimento¹

Gleiton Gonçalves de Souza²

Fausto Alencar Irschlinger³

Darlan Alves Pereira⁴

Gisieli Kramer⁵

Maria do Socorro Tenório Baumgartner⁶

Ana Paula Olivero Marques Gomes da Cruz⁷

NASCIMENTO, S. M. M. do; SOUZA, G. G. de; IRSCHLINGER, F. A.; PEREIRA, D. A.; KRAMER, G.; BAUMGARTNER, M. do S. T.; CRUZ, A. P. O. M. G. da. Práticas docentes no ensino superior: questões e alternativas. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 16, n. 1, p. 111-124, jan./jun. 2016.

RESUMO: O presente texto visa a apresentar as discussões e reflexões ocorridas durante a mesa-redonda realizada em 15 de fevereiro de 2016, com início às 20 horas, no Anfiteatro do Câmpus III, da Universidade Paranaense – UNIPAR, cidade de Umuarama/PR. O evento foi transmitido via web conferência para as seis unidades universitárias da UNIPAR, Cascavel/PR, Cianorte/PR, Francisco Beltrão/PR, Guaíra/PR, Paranavaí/PR e Toledo/PR. O tema abordado foi “Práticas docentes no Ensino Superior: questões e alternativas”. A mesa foi composta por quatro professores das unidades, um professor moderador e um relator. Essa realização foi promovida pelo Programa Institucional de Valorização do Magistério

¹Doutora em Comunicação e Semiótica. Docente e Pesquisadora da UNIPAR. E-mail: soniamoro@unipar.br

²Mestre em Direito. Docente da UNIPAR. E-mail: gleiton@unipar.br

³Doutor em História. Docente, Pesquisador e Coordenador de curso da UNIPAR. E-mail: fausto@unipar.br

⁴Mestrando em Arquitetura e Urbanismo. Docente e Coordenador de curso da UNIPAR. E-mail: Darlan@unipar.br

⁵Mestre em Geografia. Docente da UNIPAR. E-mail: gisieli@outlook.com.br

⁶Mestre em Ecologia de Ambientes Aquáticos e Continentais. Docente da UNIPAR. E-mail: mstbaum@unipar.br

⁷Mestre em Comunicação e Semiótica. Docente e Coordenadora Multicampi do Pró-Magister da UNIPAR. E-mail: apaula@unipar.br

Superior - Pró-Magíster, como parte das atividades de capacitação multicampi para professores e coordenadores dos cursos de graduação dessa Instituição de Ensino Superior.

PALAVRAS-CHAVE: Construção do aprendizado; Ensino superior; Interação professor e aluno; Interdisciplinaridade; Práticas docentes.

TEACHING PRACTICES IN HIGHER EDUCATION: ISSUES AND ALTERNATIVES

ABSTRACT: The purpose of this paper is to present the discussions and reflections that occurred during the Round Table on February 15, 2016, starting at 8 pm, in the Auditorium of Campus III, at Universidade Paranaense - UNIPAR, in Umuarama/PR. The event was transmitted via web conference for the six university units of UNIPAR, located in Cascavel/PR, Cianorte/PR, Francisco Beltrão/PR, Guaíra/PR, Paranavaí/PR and Toledo/PR. The addressed theme was Teaching Practices in Higher Education: issues and alternatives. The Round Table was composed of four professors from the university units, a moderator/teacher, and a reporter/teacher. This initiative was promoted by the Programa Institucional de Valorização do Magistério Superior - Pró-Magíster, as part of multi-campus capacity-building activities for professors and coordinators of graduation courses in this higher education institution.

KEYWORDS: Higher education; Interdisciplinarity; Learning construction; Teacher and student interaction; Teaching practices.

PRÁCTICAS DOCENTES EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR: CUESTIONES Y ALTERNATIVAS

RESUMEN: Este artículo busca presentar las discusiones y reflexiones ocurridas durante una reunión realizada el 15 de febrero de 2016, con inicio a las 20 horas, en el Anfiteatro del Campus III, de la Universidad Paranaense – UNIPAR, ciudad de Umuarama/PR. El evento ha sido transmitido a través de web conferencia a las seis unidades universitarias de la UNIPAR, Cascavel/PR, Cianorte/PR, Francisco Beltrão/PR, Guaíra/PR, Paranavaí/PR y Toledo/PR. El tema tratado ha sido “Prácticas docentes en la Enseñanza Superior: cuestiones y alternativas”. La mesa ha sido

compuesta por cuatro profesores de las unidades, un profesor moderador y un ponente. Esa realización ha sido promovida por el Programa Institucional de Valoración del Magisterio Superior – Pro magíster, como parte de las actividades de capacitación muticampi para profesores y coordinadores de los cursos de graduación de esa Institución de Enseñanza Superior.

PALABRAS CLAVE: Construcción del aprendizaje. Enseñanza superior. Interacción profesor y alumno. Interdisciplinaridad. Prácticas docentes.

1 INTRODUÇÃO

A proposta para esse evento foi apresentar uma mesa-redonda para que os professores convidados expusessem, a partir de suas experiências docentes, seus pontos de vista sobre o tema tratado: “Práticas Docentes no Ensino Superior: questões e alternativas”. A mediação dos trabalhos foi realizada pelo Me Gleiton Gonçalves de Souza, professor da área Jurídica, que atua nas unidades Umuarama/PR e Cianorte/PR. Como relatora, esteve na função Dr.^a Sônia Maria Moro do Nascimento, professora e pesquisadora da área de Comunicação, da unidade de Umuarama/PR. Quatro professores compuseram a mesa, nesta ordem:

Fausto Alencar Irschlinger é Doutor em História. Atua na unidade de Cascavel/PR, é professor e coordenador do curso de História da UNIPAR. É docente dessa instituição desde 2002.

Darlan Alves Pereira é arquiteto, atua na unidade de Paranavaí/PR, é professor e coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIPAR. Ingressou nessa instituição em 2015.

Gisieli Kramer é Mestre em Geografia e professora da unidade de Guaíra/PR. Ingressou na instituição em 2010.

Maria do Socorro Tenório Baumgartner é bióloga e Mestre em Ecologia de Ambientes Aquáticos e Continentais. Atua na unidade de Toledo/PR, é docente dessa instituição desde 2002.

Depois das exposições dos dois primeiros professores da mesa-redonda, o moderador apresentou ao público dois livros. O primeiro deles intitulado *Pró-Magíster: 10 anos de capacitação docente* (2012); e o outro, intitulado *Ensino jurídico: ação docente e aprendizagem* (2015), de autoria de Celso Hiroshi Iocohama, professor da instituição. Desta

obra foi destacada uma frase de Paulo Freire: “Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”.

Encerradas as apresentações, a palavra ficou livre ao público para seus questionamentos e considerações. Aos componentes da mesa, a quem as perguntas foram dirigidas, coube retomar, complementar e re-discutir alguns pontos expostos. Segue-se a apresentação de cada um dos participantes.

2 APRESENTAÇÃO DOS PROFESSORES CONVIDADOS

Com a duração de quinze minutos, aproximadamente, cada professor expôs seus questionamentos e reflexões, conforme seguem descritos.

2.1 Fausto Alencar Irschlinger

Em se tratando de Ensino Superior, perspectivas e desafios, foram apresentados cinco pontos para se pensar o processo de construção do aprendizado do aluno na graduação.

(1º) O Ensino Superior e o Professor.

O ponto de partida é a realidade, o tempo presente. Tem-se que considerar as bases sociais e as bases políticas e culturais vigentes. Todos estão passando por um processo histórico, por um processo de formação. E a universidade, desde sua criação no Medievo (Era Medieval), também passa por esse processo. Ser professor na atualidade é diferente do que foi ser professor a séculos e décadas atrás.

Para entender o tempo presente, foi indicado o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1997; 1998) por suas análises da Pós-Modernidade e a liquidez nas relações, na formação, no mundo contemporâneo.

Além de se buscar entender o tempo presente, a liquidez, e a Pós-modernidade, tem-se ainda que entender as novas tecnologias. A forma de transmissão desse evento (via web conferência) perpassa essas reflexões. Ethevaldo Siqueira (2007) é um dos brasileiros que aborda as novas tecnologias na Era da Informação.

Em síntese, o primeiro ponto está centrado na realidade, tempo presente, Pós-Modernidade e novas tecnologias.

(2º) A Universidade e Ensino Superior.

Neste ponto, fez-se menção à filósofa Marilena Chauí, que trabalha o conceito de Ensino Superior há décadas. Cabe aos Professores de todas as áreas entenderem o conceito de Universidade, desde sua constituição até a ideia de universalizar o conhecimento. Não existe universidade sem humanismo. Um dos preceitos da universidade é trabalhar a serviço da formação de um ser integral, independente da área de formação acadêmica. Essas são questões que precisam estar pontuadas no PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional).

Para manter e ampliar a qualidade de Ensino Superior, deve-se debruçar sobre as novas diretrizes. As licenciaturas estão em processo de renovação das bases curriculares, uma ação que se pode estender para todas as áreas. Se o propósito for primar pela qualidade do ensino, tem-se que sedimentar a ideia de universidade, uma tarefa também de professores e coordenadores de curso.

(3º) O Professor (e o Sublime)

O Sublime é um aspecto que se refere ao professor. Este terceiro ponto traz a máxima profética: “Sal da terra e luz do mundo”. Focaliza o professor enquanto “luz”, *lux*, “iluminador” do conhecimento e daqueles a quem são confiados, os seus alunos.

É um processo que envolve conhecimento e energia. Energia esta não se referindo apenas à vivacidade, mas energia como troca. É a troca que se estabelece no processo de ensino e aprendizagem, e que exige do professor equilíbrio. É mais, um professor aberto às novas tecnologias, mas sem desprezar as bases comuns construídas ao longo dos séculos. Não se trata aqui de defender o ensino tradicional, mas lembrar o papel do professor enquanto formador de conhecimento. Trata-se de um professor pesquisador, problematizador de questões críticas e, ainda, aliado às novas tecnologias, mas sem perder a intelectualidade. Isto é, um professor que conheça o seu papel na sociedade, e reconheça que está formando

cidadãos para devolver à sociedade.

Para tanto, um professor que promova a reflexão crítica, aplicável a todas as áreas do conhecimento, sem abandonar as tradições, porém moldados nos paradigmas das novas tecnologias. Um professor ciente dos novos conceitos e das novas possibilidades de ensino.

Inclui-se, ainda, neste ponto a questão da inter e transdisciplinaridade. Para essas ações, exige-se certo esforço do professor. E não é somente a universidade que exerce essa cobrança, mas o processo moldado do ensino superior.

(4º) O acadêmico (sujeito da aprendizagem)

Não há outra saída senão os envolver pela emoção. O envolvimento desses alunos nos cursos de graduação começa pela coordenação, direção, mas são os professores que, por sua atuação direta, promovem esse envolvimento. A inserção do acadêmico nos projetos de ensino, pesquisa e extensão, o esclarecimento sobre a importância de cada disciplina bem como a inter-relação que cada uma delas estabelece com as demais. Enfim, envolver os alunos no contexto do curso e da universidade; essas são ações que favorecem o processo de aprendizagem. O aluno precisa querer, esta é a parte do processo de relacionar teorias às práticas.

Importante destacar que, diante de todo esse envolvimento, deve-se haver o respeito à figura do professor. Uma problemática mencionada foi a realidade que se conhece sobre a disciplina em sala de aula, a organização e o respeito ao professor, que ocorrem nas salas de aula nos Ensinos Fundamental e Médio, e que são esses os alunos que chegam ao Ensino Superior. Sendo assim, este é o momento de se atentar para metodologias e estratégias, a fim de envolvê-los na dinâmica dos cursos como sujeitos da aprendizagem.

(5º) Atividades de Extensão (devolutiva à sociedade)

Considerando os quatro pontos já expostos, este último representa a “luz que se volta à sociedade”. Trata-se da ressignificação do conhecimento que o aluno apresentará à sociedade na forma de soluções originais, e inserir essa sociedade num processo de responsabilidade social e

de formação cidadã. Esse é o diferencial de uma universidade.

Posto esses cinco pontos relacionados à construção do aprendizado, algumas atividades práticas desenvolvidas no curso de História de Cascavel/PR foram apresentadas. Grupos de estudo, por exemplo, cujos temas partem de problemas e anseios dos acadêmicos. Visitas a campo como forma de inserir o aluno na realidade regional. Viagens técnicas propostas pelos próprios alunos. Outras atividades mencionadas foram: mostras de arte; maquetes; festivais de músicas; jantares temáticos; análise transdisciplinar de filmes e documentários; estudos de caso; textos dirigidos; e aulas invertidas. Todas essas atividades devem complementar os objetos de conhecimento trabalhados em sala de aula.

E é na sala de aula, portanto, que está o professor que sabe motivar seu aluno, que apresenta o objetivo da aula, que reitera a importância de sua disciplina e estabelece as conexões entre as demais. Nessa dinâmica de envolvimento, o aluno é sujeito da história. Ele faz parte, ele é coparticipante desse processo. Se o aluno vir a história como espectador, ele se posicionará como tal. O professor é o ponto central desse processo.

Esta apresentação encerrou-se com a seguinte afirmação: “Professores, nós somos o sal da terra. Nós somos a luz do mundo”.

2.2 Darlan Alves Pereira

A questão que abriu essa apresentação foi a seguinte: O que são bons professores? O que os tornam bons professores? A maioria dos professores do ensino Superior têm formação técnica, ou seja, eles não passam pela formação pedagógica.

Partindo de uma citação popular “Não adianta doutorado se não cumprimenta o porteiro”, entende-se que nem tudo resulta só da formação acadêmica. A questão da humanização do ensino, mencionada na apresentação anterior, para este apresentador, quando se fala em humanização tem que falar em humildade. A formação acadêmica é de suma importância, mas considerando o atual perfil de nossos alunos, o que se espera dos educadores são atitudes diferentes. Apenas aulas expositivas com bases teóricas não são suficientes para atender a esse público.

Para ilustrar essa discussão foi apresentado o resultado de um estudo realizado pela professora Maria Eugênio Castanho (2001) para saber

o que os alunos universitários apontam como características essenciais de um bom professor. A síntese do resultado foi “a profunda interação entre aspectos profissionais e pessoais do professor”. Os bons professores foram descritos como aqueles que estimulam a independência do aluno, cordiais, amistosos em classe, criam condições para uma visão crítica da sociedade e da profissão. Os adjetivos atribuídos a eles foram: amigo, compreensivo, e preocupado com os alunos.

Diante do exposto, foi questionado se o professor faz isso ou simplesmente empenha-se em repassar conteúdos, avaliar e atribuir nota ao seu aluno.

Fez-se referência à discussão de especialistas da educação sobre Tendências para a Educação 2016 (2015), apontada pela Fundação Lemann, e, nesta apresentação, dois pontos foram destacados. O primeiro deles é “Competências do século 21”, que corresponde à relação interpessoal, ir além do tradicional domínio de números e de linguagem, considerando o desenvolvimento dos acadêmicos em diversas esferas, entre elas a intelectual, social, emocional e física. A reflexão que o apresentador lança é de que a antiga posição Professor e Aluno não é mais sinônimo de respeito e aprendizado.

O segundo ponto está relacionado ao “bom humor”. O estudo aponta que o bom humor ajuda a manter um ritmo em sala de aula, ajudando no processo de aprendizado. Para ilustrar esse ponto, este professor relatou uma estratégia adotada com uma de suas turmas de aluno cujo objetivo foi motivar e chamar a atenção de seus acadêmicos sobre a importância da disciplina e da aprendizagem, utilizando para isso o humor como ferramenta. A interação professor e aluno pode ser potencializada utilizando como recursos práticas descontraídas.

Sobre aprendizado e informação, Albert Einstein foi referenciado com esta citação: “Aprendizado é ação, do contrário é só informação.”

O acadêmico já tem acesso à informação. Cabe ao professor orientar, filtrar e organizar esses conteúdos informativos. A solução da educação não é o repasse de informação. Diante das informações que se multiplicam dia a dia, a questão é como manter o professor motivado para passar o conhecimento, ou seja, transformar a informação em conhecimento. Parte dessa motivação advém da instituição universitária, que oferece aos professores remuneração condizente, plano de carreira, forma-

ção continuada. Mas, além dessa, o que mantém o professor motivado?

Essa motivação se resume em reconhecimento, sentimento de importância. Dale Carnegie (2005), em sua obra “Como fazer amigos e influenciar pessoas”, cita oito pontos que um adulto almeja alcançar, entre eles está a “Sensação de Importância”. Por essa perspectiva, a motivação não tem a ver apenas com o ganho financeiro.

Considerando a questão do sentimento de importância, alguns outros pontos foram levantados, em se tratando da relação entre os pares na comunidade acadêmica, tais como: o incentivo da coordenação ao professor; de professor ao professor; de professores aos funcionários. A questão posta foi: “Como gestor de pessoas, qual o papel de cada um no seu meio de atuação?”.

Para alunos motivados, há que se ter professores motivados e motivadores. Essa apresentação foi concluída com a seguinte afirmação: “O que fará a diferença na educação daqui para frente não é a quantidade de informação transmitida, mas sim a emoção absorvida pelos acadêmicos. Nosso desafio, como educador, é fazer os olhos de nossos acadêmicos brilharem”. Conclui que a essência da educação é essa interação professor e aluno.

2.3 Gisieli Kramer

Essa apresentação se inicia com a afirmação de que não há uma única fórmula para ministrar uma aula fantástica, criativa. Cada professor tem suas peculiaridades na aplicação de sua didática. Para tanto, é importante que cada professor se questione sobre seus princípios pedagógicos, e também sobre a dimensão em que seus alunos aprendem e querem aprender.

Algumas práticas docentes foram apresentadas, tanto de experiências ocorridas em sala de aula, extraclasse, como viagens, propostas em projetos de pesquisa e extensão, com o propósito de envolver o professor, o aluno e o conhecimento. Enfatizou-se, portanto, que as atividades práticas, como forma de aplicabilidade do conhecimento, potencializam o processo de aprendizagem do aluno.

Apresentar os conteúdos de forma contextualizada é um caminho para estimular o aluno à leitura, a leitura por prazer. Destaca-se a im-

portância de levar o aluno a campo para vivenciar os aspectos apresentados e discutidos em sala de aula. As viagens proporcionam aos alunos visualizarem concretamente as ocorrências de eventos e fenômenos até então apresentados teoricamente nos temas trabalhados em sala.

A interdisciplinaridade foi aplicada em um projeto desenvolvido na unidade de Guaira/PR envolvendo três turmas de dois cursos, Gestão Ambiental e Pedagogia. Esse projeto, intitulado: “Por um mundo sem preconceitos”, teve como objetivo discutir o preconceito racial atualmente. Além das discussões teóricas, o propósito do trabalho foi fazer com que os alunos vivenciassem diretamente o que é ser um negro no Brasil, experimentando o modo de vestir-se, a culinária, e também um dia de convívio com uma comunidade quilombola, culminando com a apresentação desse resultado à comunidade. Em suma, foi um trabalho que partiu de uma pesquisa detalhada e se seguiu para a aplicação do conhecimento adquirido por meio da disseminação dos resultados.

Para os professores proponentes do projeto, o processo de aquisição do conhecimento foi potencializado também pela experiência de convívio dos alunos com usos e costumes de uma comunidade quilombola. O resultado dessa produção ilustra a importância de viver o aprendizado efetivamente, com as práticas dentro e fora da sala de aula, colocando os alunos frente aos desafios. E para o registro dessa experiência de aprendizado foi produzido um texto no formato artigo que, posteriormente ajustado nos moldes científicos, foi apresentado no Congresso Internacional dos cursos de Graduação de Guaira – PR. Uma obra intitulada “Iniciação Científica e de Extensão: o seu conhecimento amadurece aqui” é uma publicação organizada pela professora Gisieli Kramer (2015), que reúne resultados de pesquisas de docentes de diversas universidades e de acadêmicos, com esses mesmos propósitos, o de envolver os alunos em trabalhos fora da sala de aula.

Para a execução de trabalhos dessa natureza, três pontos valem destaque nessas práticas docentes. Um deles é o de se estabelecer o planejamento e o cronograma de atividades. O outro ponto é o professor, mesmo correndo o risco de o resultado não sair como o esperado, mostrar-se seguro diante da atividade proposta. O erro é uma oportunidade de reconhecer o que deve ser mudado, uma experiência que o professor amplia com o passar do tempo. E o último ponto é a participação direta do

professor nas atividades propostas, não apenas como orientador de um trabalho, mas sim ser produtor do trabalho também. Isto é, o professor desenvolver e apresentar o mesmo trabalho proposto ao aluno. Como no exemplo mencionado nesta exposição, Aula Surpresa (prevista em cronograma), se a proposta é a de que o aluno desenvolva uma pesquisa sobre a dança de um grupo cultural para posteriormente apresentar essa dança em público, esse professor também procederá da mesma forma. Nesse contexto se estabelece mais proximidade entre professor e alunos.

Contudo, fica o questionamento sobre a possibilidade de aplicação dessas práticas nas diferentes disciplinas dos diferentes cursos. Questiona-se também como fazer para ampliar as técnicas. Tomar como base as experiências dos professores que desenvolvem trabalhos parece ser uma alternativa, sobretudo para os professores iniciantes. O exemplo citado nesta apresentação foi o de observar o perfil e as práticas docentes de outros colegas professores, cada qual com sua forma peculiar de atuação, a fim de estabelecer para si o seu jeito próprio de ser professor.

Esta apresentação se encerrou com a seguinte pergunta: “Você faz a diferença na vida de seus alunos. E da instituição?”

2.4 Maria do Socorro Tenório Baumgartner

Essa apresentação partiu de uma pergunta, feita ao público presente para que se manifestasse levantado a mão, sobre quem dali havia iniciado a profissão por decisão própria, a de “eu vou ser Professor”. Diante da resposta da plateia, cujo resultado ficou dividido entre o sim e o não, a discussão percorreu sobre os profissionais de outras áreas que se tornam professores do Ensino Superior sem terem passado por uma formação pedagógica. Dessa forma, é o mesmo que dizer que a docência os escolheram e não eles, à docência.

Sobre a docência no Ensino Superior, um aspecto apontado foi o número de disciplinas diferentes ministradas por um mesmo docente, em turmas e em cursos diferentes, a cada ano. Contudo, diante de tal desafio, foi exposto que é uma oportunidade de aprendizado para o professor.

Em se tratando de aprendizado, essa abordagem focalizou também a diferença entre ensinar e repassar informação. Essa reflexão partiu da pergunta que o professor faz a si mesmo: “Eu realmente estou ensin-

ando? E juntamente com essa pergunta outras duas se somam: “Esse é o meu talento?”; “Essa é minha vocação?” E diante dessas questões, se o entusiasmo, o gosto e o prazer do professor de ensinar for o instrumento para que seu aluno se entusiasme e queira aprender, possivelmente seja esse o caminho certo.

No entanto, outro aspecto de ensino e aprendizagem apresentado foram inquietações sobre o que fazer para ensinar um aluno que não faz ideia se quer aprender; e, ainda, o que fazer para ensinar um aluno que é analfabeto funcional. Segundo a definição apresentada, analfabeto funcional é o indivíduo que não consegue estabelecer associações da informação e aplicar o conhecimento dentro de uma situação real. Se considerar os alunos que não conseguem correlacionar os conteúdos das disciplinas, o que se verifica é que existem muitos cursos de graduação frequentados por analfabetos funcionais. E o questionamento é: Como o professor, no Ensino Superior, corrigirá uma deficiência que vem ao longo da vida escolar do indivíduo? Falta-lhe o domínio da escrita, da compreensão, da interpretação e da argumentação.

Diante dessa realidade e das possibilidades do acesso às novas tecnologias, o outro questionamento apresentado foi o seguinte: O que fazer para chamar a atenção do aluno que, durante uma aula expositiva, está concentrado no aparelho celular? Além dessa desatenção apontada, outras dificuldades foram mencionadas, tais como: a falta de interesse do aluno pela leitura; a dificuldade de expressar-se por meio da escrita. Em algumas situações, mesmo a diversidade de estratégias aplicadas pelo professor não é suficiente para atrair a atenção dos alunos.

As perguntas continuam: O que fazer para ensinar um aluno com capacidade de aprendizagem limitada, com dificuldade de aceitar os deveres acadêmicos a ele conferidos, e o pouco interesse nos estudos? Como encontrar e aplicar as metodologias do ensino no cotidiano da sala de aula?

Essa apresentação, segundo a professora, foi um momento de compartilhar com os colegas de profissão seus anseios, suas inquietações e frustrações, e até mesmo um momento de desabafo. Contudo, mesmo diante dessas questões inquietantes, para ela, entrar em uma sala de aula para expor um assunto de sua área de interesse gera muito encantamento. Isso é o ponto que lhe sustenta e move para continuar atuando diante

dessa realidade.

3 CONCLUSÃO

As reflexões sobre as práticas docentes no Ensino Superior, lançadas na apresentação dessa mesa-redonda, são contribuições que os professores compartilharam com seus colegas de profissão. A proposta do Programa Institucional de Valorização do Magistério Superior da Unipar – Pró-Magister - foi oportunizar a exposição de algumas experiências pedagógicas vivenciadas em disciplinas e cursos diferentes, e em diferentes localidades. Embora haja uma gama de estudos que apresentam metodologias e estratégias de trabalho aplicadas a práticas docentes, cabe a cada professor fazer suas adequações.

Diante da realidade de cada sala de aula, necessário se faz impor um olhar sobre a diversidade de fatores que envolvem o contexto de cada disciplina, de cada curso e de cada região. Entretanto, ao mesmo tempo que se deve impor um olhar para essa diversidade de fatores, é tempo também de considerar outro aspecto fundamental que não pode vir dissociado desse primeiro. Se considerar a relação que se deve estabelecer entre os pares no processo ensino e aprendizagem, esse outro aspecto é aquele que se refere ao envolvimento. Esse foi um ponto de destaque, ora mais explícito ora menos, nas apresentações dos professores componentes da mesa-redonda.

Sobre o aspecto relacionado ao envolvimento no processo ensino e aprendizagem, apontado pelos integrantes da mesa-redonda, pode-se destacar algumas reflexões, como estas que se seguem apresentadas.

Se o processo ensino e aprendizagem suscita envolvimento de todos, o professor é a figura que pode potencializar esse envolvimento. Quando um dos pares do processo parece desanimar, um apoio e uma mão amiga servem de motivação. Se o professor promove ações para envolver a todos os seus alunos, sua atuação nessas mesmas ações confere confiabilidade, colocando professor e aluno no mesmo nível de igualdade. Se o processo é um caminho permeado de inquietações, dúvidas e desafios, o encantamento de estar em sala de aula avivando o conhecimento é o que move o professor a continuar a sua caminhada.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Zahar: Rio de Janeiro, 1998.

_____. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

CARNEGIE, D. **Como fazer amigos e influenciar pessoas**. São Paulo: Nacional, 2005.

CASTANHO, M. E. Sobre professores marcantes. In: CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. (Org.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Papyrus, 2001. Disponível em: <http://www.adventista.edu.br/_imagens/area_academica/files/SOBRE%20PROFISSIONAIS%20MARCANTES.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2016.

CRUZ, A. P.; ZAFANELI, C. **Pró-magíster: 10 anos de capacitação docente no ensino superior**. Umuarama/PR: Unipar, 2012.

IOCOHAMA, C. H. **Ensino jurídico: ação docente e aprendizagem**. Curitiba: Instituto Memória, 2015.

KRAMER, G. (Org.) **Iniciação científica e de extensão: o seu conhecimento amadurece aqui**. Unipar: Guaíra/PR, 2015.

PRADO, A. **Tendências para a educação em 2016**. Disponível em: <<http://www.aredo.inf.br/tendencias-para-a-educacao-em-2016/>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

SIQUEIRA, E. **Revolução digital: história e tecnologia no século 20**. São Paulo: Saraiva, 2007.

Recebido em: 14/01/2016

Aprovado em: 30/03/2016